



“O tempo é a dádiva da eternidade”, disse W. Blake.
- “A totalidade do ser é para nós impossível;
assim, é-nos dado tudo, mas gradualmente”
J. L. Borges

Palestra

*P*oderíamos, hoje, discorrer sobre o número π , ou sobre o número e , ou sobre o zero, ou sobre o número de Liouville, ou, mesmo, sobre os números de Catalan, alguns deles transcendentos, outros nem tanto; mas não, desta feita ir-nos-emos debruçar sobre um estranho e fascinante número, nomeado número de ouro, secção áurea ou divina proporção. Assombroso número que nos transporta para as fronteiras do arcano.

Começemos, então, por escutar o belo *Allegro* do Concerto *op. 1 n. 5* de Pietro A. Locatelli (1695 – 1764), enquanto nos debruçamos sobre o que escreveu Luca Pacioli (c. 1445 – 1514) acerca deste enigmático número:

“... assim como Deus não pode ser definido, nem pode ser entendido através de palavras, da mesma forma esta proporção não pode ser designada através de números inteligíveis, nem pode ser expresso por meio de qualquer quantidade racional, mantendo-se sempre oculto e secreto...”

Ao longo desta nossa breve conversa, iremos estar na companhia de William Lawes (1602 – 1645), escutando as suas belas e suaves *Sonatas para violino, baixo de viola e órgão*.

A propósito do número de ouro, voltaremos, uma vez mais, a realçar os *Elementos* de Euclides (c. 330 – 260 a.C.) como a mais importante obra de Matemática da antiguidade clássica e, provavelmente, a seguir à Bíblia, o livro mais reproduzido e estudado no mundo ocidental.

Enalteceremos, também, o nome de Adelardo de Bath (c. 1080 – c. 1152) como um dos grandes responsáveis pela transposição do árabe para o latim de muitas das obras dos grandes pensadores da Grécia Antiga como, por exemplo, Euclides, Arquimedes (287 – 212 a.C.) ou Aristóteles (384 – 322 a.C.).

Enfatizaremos, ainda, os nomes de Eudoxo de Cnido (Séc. IV a.C.), de Demócrito (c. 460 – c. 370 a.C.) e, mais uma vez e sempre, de Pitágoras (c. 580 – c. 497 a.C.).

Tentaremos construir, de forma lúdica, algumas figuras geométricas que nos conduzirão ao valor da secção dourada.

Falaremos, igualmente, de Fibonacci (c. 1170 – c. 1250) a propósito da sua espiral — que nos remete para o conceito da demanda, para os territórios do labirinto; metáfora de outras metáforas — e faremos referência à sua obra “Liber Abaci”, um momentoso livro sobre Aritmética que contribuiu para que a numeração hindu-árabe, incluindo o fabuloso algarismo zero, assim como a notação posicional, se difundisse na Europa, no início do Séc. XIII.

Celebraremos, de igual modo, os nomes de Jacob Bernoulli (1654 – 1705) e de Johannes Kepler (1571 – 1630).

Veremos algumas associações do número de ouro à arte — entreabrindo a porta que nos deixará entrever o mundo prodigioso onde habitam grandes vultos como Leonardo da Vinci (1452 – 1519), Johannes Vermeer (1632 – 1675), ou Wassily Kandinsky (1866 – 1944), entre muitos outros.

Observaremos, também, como a secção áurea surge no *design* e registaremos a bonita homenagem que o MoMA prestou a Luca Pacioli.

Não podemos deixar de sublinhar o nome de Fídias, considerado, por muitos, o maior escultor da antiguidade clássica, contemporâneo de Sófocles e de Péricles (Séc. V a.C.).

Terminaremos a nossa breve incursão a este mundo de enredos, abordando algumas propriedades curiosas associadas a este número cheio de sortilégios.

Iremos encerrar esta nossa sessão na companhia do génio de Henry Purcell (1659 – 1695), sublinhado pelos sublimes *Trumpet tune & We come to sing Great Zempoalla's story* do 2º Acto da semi-ópera “The Indian Queen”.

Barreiro, 4 de Maio de 2014
Prof.: José Carlos

